

BRASIL QUEIMARÁ RIQUEZAS

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A crise que faz estragos mundo afora vai comer parte das riquezas que o Brasil acumulou nos últimos anos, beneficiado pela bonança de seis anos de crescimento consecutivos da economia global. "Não vai ter jeito. O Brasil terá de gastar um pouco de sua riqueza", afirmou o economista Carlos Eduardo de Freitas, ex-diretor da Área Externa do Banco Central. Segundo ele, essa queima de riquezas virá por meio de déficits no balanço de pagamentos do país com o exterior. A previsão do mercado é de que as transações correntes, rubrica na qual são incluídas as operações de comércio e os gastos com serviços e juros, fechem 2008 com um rombo próximo de US\$ 5 bilhões. Desde 2003, essa conta estava positiva, graças aos saldos espetaculares da balança comercial, o que permitiu ao Brasil acumular reservas internacionais próximas de US\$ 185 bilhões.

Na avaliação do ex-diretor do BC, esse será o sinal mais evidente de que o Brasil não está descolado da crise provocada pelo estouro da bolha imobiliária dos Estados Unidos. "Quando ouvi esse discurso, pensei que o Brasil estava sendo colocado em um foguete e levado para outro planeta. Esse isolamento não existe", afirmou. Para ele, ao sustentar esse discurso, difundido, sobretudo, por economistas do governo, o país está repetindo o erro cometido durante a administração Geisel, nos anos 1970, que pregava a idéia de que o Brasil era uma ilha e não seria contaminado pela disparada do preço do barril do petróleo, de US\$ 3 para US\$ 12. "Todos vimos o quanto o país foi prejudicado", assinalou.

Certo de que a economia dos Estados Unidos está caminhando rápido para um processo recessivo, Freitas destacou que as exportações para a maior economia do mundo vão diminuir, inclusive as do Brasil. É por isso que o mercado está prevento déficit em transações correntes. Nos

últimos anos, foi justamente o saldo comercial que "bombou" as transações correntes. A balança comercial, por sinal, já está contabilizando saldos menores. Na terceira semana de janeiro, o superávit foi de apenas US\$ 1 milhão, resultante de exportações de US\$ 2,844 bilhões e importações de US\$ 2,843 bilhões. Pelo critério da média diária, as exportações recuperaram 3% frente à semana anterior, devido à queda nos embarques de produtos semimanufaturados (-25,8%) e básicos (-12,6%). As de manufaturados aumentaram 9,8%.

"Não tem como ser diferente. Os Estados Unidos representam 25% da economia mundial. Crescendo menos, vão comprar menos da China, que consumirá menos produtos do Brasil. Com isso, os preços das mercadorias exportadas pelo país vão diminuir, refletindo no saldo da balança", assinalou Freitas. No seu entender, a atual crise corrigirá desequilíbrios criados no passado pela economia americana, que vinha operando com déficit em transações correntes superiores a 5% ao ano do Produto Interno Bruto (PIB). "O ajuste era necessário. Agora, não sabemos onde ele vai parar. A grande pergunta no momento é se o ajuste é natural (veio para ficar) ou é pontual", destacou.

Para o economista Cristiano Souza, do Banco Real ABN Amro, o quadro mais realista é o de que a atual crise seja superada em seis meses. Ele não acredita, porém, que os EUA vão mergulhar na recessão, como garante boa parte dos analistas. Pelas suas contas, a economia americana registrará forte desaceleração, crescendo apenas 1,6% em 2008. "Será um crescimento muito abaixo da média anual de 3% registrada entre 1970 e 2006", disse. "Um avanço de 1,6% para o histórico dos Estados Unidos é pouco, mas não se pode dizer que é recessão, como se viu nos anos de 1974, 1975, 1980, 1982, 1991 e 2001, quando os índices ou foram negativos ou inferiores a 1%", frisou.

Luiz Prado/CB - 22/1/99



PORTO DE SANTOS: SALDO DA BALANÇA NAS PRIMEIRAS SEMANAS DESTE MÊS CAIU PARA US\$ 1 BILHÃO, DEVIDO À REDUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES

COLABOROU LUCIANA NAVARRO